



Traição à classe por parte da oposição juntamente à direção burocrática do sindicato, que levou à demissão de 40 mil professores, *mancha definitivamente* a Oposição Combativa

A Oposição Combativa, que se organizou para as eleições da Apeoesp, com muito custo e sem uma firmeza das posições pelas correntes, conseguiu votar um programa que pontualmente colocava a importância da independência de classe em relação aos governos e patrões, a defesa dos professores contratados pela efetivação sem concurso público e o método da luta de classes para unificar os professores em defesa de suas reivindicações. Passadas as eleições, a Oposição Combativa não conseguiu manter a unidade, e a vacilação da maioria das correntes na dificuldade em erguer os professores da base, por meio de plenárias para levar à prática o programa e capaz de deliberar um calendário que pudesse chocar com a burocracia arrastando essa para a luta, não conseguiu se realizar. Na última plenária, o questionamento da bandeira de estabilidade sem o concurso público, mesmo frente a 40 mil demitidos, é um exemplo dessa inconstância de organizar à OC para uma defesa concreta de emprego a todos, demonstrando que, ao não defender nos fatos o emprego a todos e intervir em defesa dos métodos necessários e urgentes para isso, consequentemente também não defenderiam a greve no dia 15/03. A fala de outra professora, informando que em sua regional teve uma reunião de representantes, cheia de professores contrata-

dos e desempregados, porém, sem ter os organizados para participar da plenária, mostra que desconsideraram desde o início a disposição de luta das bases, bem como a necessidade de se apoiar nesse setor para fortalecer a organização de um movimento grevista.

Na plenária do dia 09 de março, nós erramos em nos somar à proposta de “construção da greve” e fazemos a autocrítica em não defendermos a greve para a assembleia do dia 15 de março. Depois de nossos debates internos, percebemos o erro, pois era necessário defender o emprego a todos, junto das demais reivindicações, em unidade com os municipais de São Paulo e com os funcionários das universidades federais, em greve também naquele momento. Corrigimos nosso erro já na reunião da oposição, antes do Conselho Estadual, no próprio Conselho e na Assembleia, com a defesa da greve para aquele dia, 15 de março. Nossa defesa se pautou em primeiro lugar no problema dos 40 mil ameaçados de ficar definitivamente desempregados se não se deflagrava imediatamente a greve pela sua reincorporação imediata, e na necessidade de unidade com os professores municipais, que tinham deflagrado a greve naquela semana, e com os servidores federais que organizavam sua greve. A não defesa da greve (sob o eufemismo de “construir a greve”) naquele dia pelas demais correntes da Oposição Combativa os colocou na mesma política de traição da burocracia, que jogou a assembleia para 26 de abril, com a diferença de duas semanas a menos, mas no mesmo quadro de consolidação das atribuições e efetivação das demissões.

“
...
Nossa defesa [da greve] se pautou em primeiro lugar no problema dos 40 mil ameaçados de ficar definitivamente desempregados se não se deflagrava imediatamente a greve pela sua reincorporação imediata, e na necessidade de unidade com os professores municipais, que tinham deflagrado a greve naquela semana, e com os servidores federais que organizavam sua greve.

A não defesa da greve (sob o eufemismo de “construir a greve”) naquele dia pelas demais correntes da Oposição Combativa os colocou na mesma política de traição da burocracia, que jogou a assembleia para 26 de abril, com a diferença de duas semanas a menos, mas no mesmo quadro de consolidação das atribuições e efetivação das demissões.

correntes da Oposição Combativa os colocou na mesma política de traição da burocracia, que jogou a assembleia para 26 de abril, com a diferença de duas semanas a menos, mas no mesmo quadro de consolidação das atribuições e efetivação das demissões. A defesa dessas correntes para 05 de abril não alterava em nada a manobra da burocracia, que já tinha trabalhado para quebrar a unidade com os municipais, quando mudou a assembleia do dia 08 de março para o dia 15. Agora, o calendário da burocracia se colocava no sentido de quebrar as tendências de luta dos professores, por meio da divisão entre efetivos e contratados. Uma das correntes da Combativa, nessa mesma assembleia, chegou a defender a unidade, mas sem a greve e com a defesa da assembleia para 05 de abril, que unidade seria essa?

A defesa da não greve na Apeoesp no dia 15 de março levou o movimento a 2 grandes erros: o primeiro, prejudicou a luta dos professores municipais, que foram vítimas das artimanhas do burocrata Claudio Fonseca (SINPEEM), que manteve a greve limitada às presões parlamentares e se utilizou dela para consolidar as alianças políticas para as eleições municipais, deixando os professores com míseros 2,16% de reajuste, que não repõem nem a inflação. Segundo, deixou o campo aberto para a burocracia da Apeoesp ampliar sua manobra na assembleia seguinte (26 de abril) de novamente bloquear a deflagração de uma greve. A direção, ao perceber uma assembleia grande e com os gritos de greve antes do início das falas, impôs a manobra de votar o calendário com a greve virtual, antes do debate. Ao que tudo indica, a burocracia perdeu para a greve já, por isso pediu uma nova defesa e votação. A falta de empenho em não combater essa manobra da burocracia, e a insistência em conciliar o boicote aos aplicativos (erguido em oposição à greve pela direção) com a greve já, mostrou a formalidade da defesa da greve pela Oposição Combativa.

Essa falta de empenho decorre necessariamente da posição de traição defendida na assembleia anterior, e do fato de que a maioria dessas correntes também estão empenhadas nas eleições como prioridade do momento, e sustentam as ilusões de que é possível nos marcos do capitalismo decadente defender as massas no parlamento burguês. Depois da Assembleia do dia 26/4, a defesa da Oposição Combativa do boicote aos aplicativos, que a direção opunha à greve já, revelou concretamente que a defesa da greve já tinha sido uma formalidade.

uma traição à classe, nos impõe a separação política e organizativa da Oposição Combativa. A defesa formal comum da greve na última Assembleia, já que não houve um trabalho unitário para construir a greve, inclusive com recusa de realizar uma plenária geral anterior à assembleia, o que a levou a construir apenas uma resposta no mesmo campo das caravanas eleitoreiras da diretoria nas regiões. O cenário caótico de ataque aos professores pelo governo tem se aprofundado desde a assembleia do dia 15 de março, e ainda precisa haver uma resposta coletiva e de luta a tudo isso. Que será mais difícil agora, porque a categoria se cansa com as sucessivas assembleias que não organizam a luta coletiva pela greve, e não há mais possibilidade de unidade com os municipais, derrotados pela burocracia do Sinpeem, e que já não se encontravam mais em greve.

A tarefa de erguer uma frente que possa se opor de fato à burocracia da Apeoesp continua a ser uma tarefa da vanguarda com consciência de classe. Procuraremos sempre nos organizarmos, para estar com essa vanguarda.

Defendendo os interesses e necessidades mais elementares da categoria em todo e qualquer momento, sem se importar das dificuldades erguidas pela burocracia, tendo por princípio a defesa do emprego salários e direitos de todos.

A Oposição Combativa já vinha se mostrando politicamente diluída após as eleições, não tendo encontrado um caminho de unidade na defesa de posições nos atos e assembleias. Mas a unidade política da maioria das correntes da Oposição Combativa com a direção burocrática na assembleia do dia 15/3, diferindo apenas na data da assembleia posterior, mas com a traição aos 40 mil da categoria O demitidos, sem nenhuma resistência, assim como o abandono de sua defesa coletiva, configurando